

A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

The school trajectory of a character in formation: Sérgio and the Ateneu

Jordanna Fonseca Silva¹

Resumo: A partir da análise sociológica da obra “O Ateneu” de Raul Pompeia, escrita no final do séc. XIX, o presente ensaio pretende alçar reflexões acerca do papel da escola na formação do caráter e da personalidade individual, através da construção do ser social. Analisam-se as tendências pedagógicas descritas na obra literária, bem como os conceitos de sociedade e educação por ela difundidos. Nota-se uma estreita relação com as concepções humanistas, embora burguesas e eurocêntricas, de processo educacional e conhecimento científico. O caráter literário da obra permite um acesso íntimo ao universo subjetivo do estudante confinado neste internato e contexto social e histórico específico em que a obra de desenrola.

Palavras-chave: Educação. Escola. Sociedade Moderna. Raul Pompeia.

Abstract: From the sociological analysis of Raul Pompeia's "The Athenaea" written at the end of the 19th century. XIX, this essay aims to raise reflections about the role of the school in the formation of individual character and personality, through the construction of the social being. We analyze the pedagogical trends described in the literary work, as well as the concepts of society and education disseminated by it. A close relationship with humanist conceptions, although bourgeois and Eurocentric, of educational process and scientific knowledge is noted. The literary character of the work allows an intimate access to the subjective universe of the student confined in this boarding school and specific social and historical context in which the work unfolds.

Keywords: Education. School. Modern Society. Raul Pompeia.

¹ Doutoranda em Sociologia pela Universidade de Brasília - UnB. ORCID: [0000-0003-3107-4435](https://orcid.org/0000-0003-3107-4435), e-mail: jordannasilvaf@gmail.com.



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

Introdução

O universo lírico, poético, sensível, ao mesmo tempo cruel e desiludido, criado em *O Ateneu* aparece-nos como uma realidade estampada. Dizem das grandes obras que elas transcendem a temporalidade histórica, que são capazes de perdurar seus sentidos noutras épocas. Sem dúvidas isto pode ser dito deste texto, publicado entre janeiro e março do ano de 1888, no jornal *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro. Seu criador não foi o primeiro nem o último a escrever sobre os tempos da escola, tampouco o único com traços memorialistas, nostálgicos, reflexivos e imaginativos: como poesia transcrita em prosa. A narrativa não deixa de seduzir o/a leitor/a nos caminhos misteriosos da mente humana, da vida social; dos sentimentos e afetos, das ações e destinos.

Se o paradigma reinante na ciência positivista do século XIX era determinista, evolucionista, é difícil argumentar contra sua influência na produção literária do jovem escritor, nascido em 1863, Raul d'Ávila Pompeia. Colocado ao lado de figurões ilustres do Realismo ou Naturalismo brasileiro, como Machado de Assis e Aluísio de Azevedo, Pompeia consegue distinguir-se² graças à sua peculiaridade estilística voltada a um certo psicologismo, aproximando-o de outras classificações: Impressionismo e Simbolismo. Há um destaque na formação da individualidade das personagens, numa dimensão extrema de ensimesmada autoconsciência, embora envolvidas em circunstâncias e experiências diversas. Os meios (natural e/ou social), aqui, já não são tão imperantes, o que não significa que foram de todo superados. Há momentos em que o narrador-personagem escorrega em determinismos fatalistas ao reconstruir um mundo social onde "o que tem de ser, é já" (POMPEIA, 2013, p. 238).

As grandes interrogações do período encontram na literatura realista um espaço para inventariar respostas. Estaria o ser humano predestinado a um fim social e divinamente definido? Seria sua trajetória um simples prosseguir no tempo, nos sentidos das circunstâncias, do meio, das influências? Haveria, afinal, liberdade, livre-arbítrio,

² "A presença simultânea, em *O Atheneu*, de visualização e consciência visualizadora, coloca o romance nos primórdios da linha reflexiva que iria ultrapassar os esquemas de realismo e naturalismo" (SCHWARZ, 1960, p. 26).



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

escolhas e decisões? Em termos propriamente sociológicos, qual o alcance efetivo da ação individual dentro de uma estrutura social e historicamente determinadas? E o papel da educação nas sociedades modernas?

Pompeia traz aspectos pessoais, íntimos, subjetivos, profundamente variáveis na interpretação da realidade, elaborados por consciências individuais, para acessar e interpretar a estrutura social na qual se insere o indivíduo. Muito fundamentado na memória (sensações, emoções, afeto) de seu maduro narrador ao lembrar-se da personagem criança-adolescente que um dia fora. É essa “coesão de tons”³ que possibilita uma catarse. Para uma análise do romance, tomaremos o protagonista e suas interações com as personagens, suas relações com a ordem institucional e suas formas de individuação.

Antônio de Ávila Pompeia, bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, herdeiro de uma tradicional família de cafeicultores e juiz municipal em Angra dos Reis, casa-se com Rosa Teixeira Pompeia, filha de uma rica família de fazendeiros de Jacuecanga, distrito onde nasce o segundo filho, Raul Pompeia. O casal teve 5 filhos. Mudam-se para a capital do Rio, a Corte, onde Raul é internado, em 1873, no Colégio Abílio, dirigido por Abílio César Borges, Barão de Macaúbas, que teria educado, em Salvador – BA, Rui Barbosa e Castro Alves. O colégio possuía renome, portanto. Distingue-se como bom aluno⁴, desenhista e caricaturista⁵, com especial gosto pela literatura e artes, redigindo e ilustrando o jornalzinho da escola *O archote*. Em 1877, é transferido de escola e volta a morar com a família. Publica seu primeiro livro, *Uma tragédia no Amazonas*, aos 17 anos, em 1880.

De volta ao Rio, agora advogado por formação, não exerce a profissão e dedica-se ao jornalismo como vocação. Crônicas, folhetins, artigos, contos, e o romance *O Ateneu* publicado primeiro em folhetins e posteriormente em livro. Raul, aos 25 anos, é consagrado escritor. Nos anos de estudo em São Paulo, aproxima-se de Luis Gama,

³ Primeiro crítico de *O Ateneu*, Araripe Jr, demonstra como a mescla entre passado e presente, criança e adulto, realidade vivida e imaginada e lembranças, transformam completamente a estrutura da narrativa (SILVA, 2013).

⁴ Abílio escrevera em seu primeiro boletim: “É menino de grandes esperanças” (POMPEIA, 2013, p. 301).

⁵ O romance acompanha ilustrações feitas pelo próprio escritor.



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

famoso abolicionista, e torna-se seu secretário. Após a abolição, empenha-se na campanha em favor da República. É nomeado, no ano da Proclamação da República, professor de mitologia⁶ da Escola de Belas Artes, além de diretor da Biblioteca Nacional.

Florianista exaltado, Pompeia opõe-se a intelectuais do seu campo, como Olavo Bilac. Defende o militarismo encarnado em Floriano Peixoto por entender que a pátria corria perigo: ingleses e portugueses a atacavam. Com a morte de Floriano, em 1895, Pompeia é retirado do cargo, *acusado de desacatar a pessoa do então* “Presidente da República, Prudente de Moraes no explosivo discurso pronunciado” (ABL, 2018) no enterro de Floriano.

Entre a agência e a estrutura: o pequeno Sérgio no grande Ateneu

Max Weber (2009, p. 24) define a ação como um “[...] comportamento humano, externo ou interno, dotado pelo agente de um sentido subjetivo [...], intentado de modo efetivo e historicamente dado”. O aspecto social da ação estaria na orientação ou sentido atribuído ao comportamento alheio. Sua sociologia compreensiva implica, portanto, a observação das ações significativas em oposição a modos de conduta meramente reativos (psicofísicos, místicos), além de distinguir as ações racionais, teleológicas, de “desvios” ou “erros”, tipicamente ligados à esfera emocional. Para interpretar o primeiro tipo, evidências lógico-matemáticas; para o segundo, receptivo-artísticas, empáticas.

No romance, percebemos os dois tipos de ação em coexistência. Há situações criadas pelo narrador-personagem em que o ambiente ou meio mobilizam ações ou sentimentos, ilustrando o que foi dito: na capela (“Nós, ajoelhados, ressentidos da influência moral do cenário, orávamos sinceramente” (POMPEIA, 2013, p. 95)); na secretaria da Instrução Pública (“[...] achei-me numa sala grande, silente, sombria, de teto baixo, de vigas pintadas, que fazia dobrar-se a cabeça instintivamente” (POMPEIA, 2013, p. 222)); ou, ainda, na própria natureza (“[...] a neblina de melancolia, baixada sobre o colégio da altura da cordilheira, repercussão da tristeza verde das matas,

⁶ São constantes as referências à mitologia grega no romance: deuses do Olimpo, Júpiter, Mercúrio, Etna (POMPEIA, 2013, p. 99).



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

pesava-me aos ombros” (POMPEIA, 2013, p. 94)). Todavia, sabemos que a mata verde não remete diretamente à tristeza nem a influência moral conduz a uma sinceridade religiosa.

O pequeno homem da narrativa era uma criança de 11 anos quando se vê isolado da “estufa de carinho” (POMPEIA, 2013, p. 29) que é o amor doméstico e lançado diante do mundo com um único conselho de seu pai rompendo ao seu lado: “Coragem para a luta!” (POMPEIA, 2013, p. 29). Aqui, o “darwinismo espartano” (POMPEIA, 2013, p. 152), um tanto hobbesiano. Há alguns marcadores de diferença notáveis no protagonista que aparecem como importantes elementos nas análises sociais contemporâneas: trata-se de um rapaz pertencente a uma relativa elite político-econômica brasileira, carioca, do século XIX. Branco, portanto. Os cerca de 300 alunos que com ele frequentavam “o grande colégio da época” (POMPEIA, 2013, p. 31) compunham a “fina flor da mocidade brasileira” (POMPEIA, 2013, p. 34); eram em sua maioria estudantes ricos, com exceção dos gratuitos que preludiam conflitos de classes, discriminatórios, com os pagantes.

Essa “fina flor” teria como corolário dos investimentos parentais a manutenção ou ascensão das posições sociais de seus familiares. Malheiro, “filho de oficial” (POMPEIA, 2013, p. 58). “Sanches torna-se engenheiro numa estrada de ferro” (POMPEIA, 2013, p. 84). Sampaio “vira médico” (POMPEIA, 2013, p. 98). Nearco da Fonseca, “filho e neto de políticos” (POMPEIA, 2013, p. 130). Franco, “filho de desembargador” (POMPEIA, 2013, p. 102). Advogados e senadores também apareceram com seus meninos. Quando o garoto protagonista reconhece o afastamento da família como aproximação de si e afirma que finalmente iria por sua conta “empenhar a luta dos merecimentos” (POMPEIA, 2013, p. 31), é possível identificar uma referência à meritocracia e ao processo de individualização de uma sociedade que tendia à modernização, aos universalismos democráticos de uma “justa” competição. Na percepção dele, as diferenças de classe e fortuna apagam-se no “socialismo do regulamento” (POMPEIA, 2013, p. 239) do internato.

O menino – nomeado de Sérgio quando é apresentado ao diretor –, a princípio, narra com vislumbre e encantamento o espetáculo apresentado pelo colégio: discursos,



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

cantos, declamação de poesias, “campanhas da ciência e do bem” (POMPEIA, 2013, p. 35). Vê na farda negra dos uniformes “alunos anchos de militarismo” (POMPEIA, 2013, p. 187), elegância. Salta aos olhos o prestígio delegado às organizações militares e seus oficiais. Os fatos da Independência do Brasil, em 1822, ter instituído um exército exclusivamente brasileiro e de sua história política ter sido marcada por figuras gerais serviriam para explicar esse poder quase estamental dos militares brasileiros no final do século XIX. Esse prestígio é traduzido socialmente em privilégios. No internato, essa configuração não era diferente; afinal, como diz o próprio narrador: não é o internato que faz a sociedade; o “internato a reflete” (POMPEIA, 2013, p. 239). Sérgio preocupa-se, logo no início de sua jornada pela educação formal, com a sua sobrevivência física e social. Sofre uma série de agressões, humilhações, perseguições, até descobrir que naquele reino sobreviviam os mais fortes; até se tornar, em alguns momentos, o próprio agressor. Rabelo, seu mentor, estudante mais velho, logo lhe sugere: “faça-se forte aqui, faça-se homem” (POMPEIA, 2013, p. 59) e concede elogios a Sérgio quando ele reage a algum insulto físico ou verbal.

Independência, Escravidão, República e Imigração: nascer e viver no século XIX

Não é possível ignorar o pano de fundo que sustenta o espetáculo da vida no internato com suas hierarquias, sistema de justiça, moralidade, idílicas promessas de uma educação virtuosa: os criados. Nota-se que o ano de publicação do livro coincide com a abolição da “surdina escura dos desesperos da escravidão colonial” (POMPEIA, 2013, p. 213). O fim do século XIX, no Brasil, apresenta-se como um cenário de importantes mudanças político-econômicas, sociais e culturais: a já mencionada Abolição da Escravatura (1888); a Proclamação da República (1889) seguida da política dos governadores; um incentivo crescente à imigração estrangeira; a formação de uma burguesia e de uma identidade nacional.

O episódio do assassinato de um dos criados pelo jardineiro, em disputa por Ângela, além de possibilitar a Sérgio ver a morte de perto, confere uma semelhança entre o assassino e a vítima pelo “[...] fato de haverem chegado à América na mesma turma de



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

imigrantes” (POMPEIA, 2013, p. 124), isto é, entre os africanos escravizados. Marx (2017) afirma que “[...] um negro é um negro. Somente sob determinadas condições ele se torna um escravo” (MARX, 2017, p. 836), se transforma em capital. Essas condições são relações histórico-sociais de produção, traduzidas num contrato social. O capital depende da expropriação do trabalhador (exploração e dominação) ao mesmo tempo que garante a ele a condição de assalariado.

A transição da sociedade brasileira no sentido urbano-industrial ocorrerá, significativamente, apenas no séc. XX, embora isso não implique a ausência de cidades ou fábricas no Brasil do séc. XIX, principalmente nas regiões mais povoadas, litorâneas, e de maior impacto político-econômico. O Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil à época, obviamente concentrava em sua estrutura espacial sistemas de transporte, de ensino, de segurança pública, monetários, religiosos, administrativo-burocráticos etc., tais como ferrovias e portos, universidades e escolas, polícia, exércitos, igrejas, palácios, casas de moeda, bancos. É por isso que, o assassino, mencionado a pouco, foi “confiado aos urbanos” (POMPEIA, 2013, p. 127), ou seja, tribunais, julgamentos e prisões, que possivelmente o aguardavam.

Os cenários criados por Pompeia apresentam o colégio cercado por matas, montanhas, jardins. Como se tratava de um período de reclusão familiar, doméstico, quase como um manicômio que procura a cura das perturbações mentais através do isolamento, o Ateneu era uma grande escola construída longe das agitações da cidade. Uma instituição total⁷. De lá os meninos saíam apenas para eventuais passeios, exames ou férias.

A Independência do Brasil (1822), ainda que não tenha resultado numa autonomia nacional (mercado interno, produção e exportação de tecnologias), germina elementos para uma identidade nacional. Não à toa a Semana de Arte moderna ocorreria em São Paulo, exatos cem anos após a independência. No Ateneu, o hino nacional anunciava os grandes momentos; tribunas eram forradas de verde e amarelo e a

⁷ A instituição total é definida como “[...] um local de residência e de trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por um período considerável de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”. (GOFFMAN, 1987, p. 11).



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

bandeira dançava com o vento. Ordem e Progresso, o positivismo de Comte é consagrado. O exército cuidava das fronteiras físicas do território, e a intelectualidade tratava de promover as fronteiras culturais da nação: Gregório de Matos, Sousa Caldas, Gonçalves Dias, José de Alencar, para citar alguns dos mencionados por Sérgio, por sua vez citados por um de seus professores.

Raul Pompeia, hoje consagrado no campo da literatura brasileira, não somente viveu este período como esteve engajado na esfera pública com opiniões políticas por vezes contestatórias à ordem vigente. Fez parte de uma minoria intelectual que optava por estudar direito ou medicina em Portugal ou nas poucas universidades que existiam no Brasil. No seu caso, inicia os estudos em direito em São Paulo, aos 18 anos, mas vê-se obrigado a concluí-los em Recife, pois, fora reprovado nos exames, possivelmente em virtude de sua atuação política, abolicionista e republicana.

A esfera pública, à época, compreendia os espaços de debate e circulação de ideias político-sociais que poderiam ganhar força democrática, hegemônicas e consensuais. Caracterizava-se predominantemente pela imprensa. Nos jornais circulavam não apenas notícias e informações, como também contos, crônicas, novelas. Nesse sentido, seu alcance era também cultural. Produtores e públicos eram restritos. Quem tinha o conhecimento das letras no final do século XIX, no Brasil? De acordo com o primeiro censo demográfico brasileiro, de 1872⁸, dos quase 10 milhões de habitantes nas terras brasis, cerca de 36% (23% homens e 13% mulheres) foram considerados alfabetizados: sabiam ler e escrever pelo menos o próprio nome. Disso para aqueles que frequentemente liam jornais, livros, tem-se ainda nova redução, obviamente.

Publicidade e ideologias no Ateneu: a educação como mercadoria

As reformas frequentes, as novidades no mobiliário e pinturas, os anúncios por toda a província do célebre colégio dirigido pelo grande pedagogo Dr. Aristarco Argolo de Ramos, levam Sérgio a compará-lo a negociantes, que a cada fim de ano letivo “[...] liquidam para recomeçar com artigos de última remessa” (POMPEIA, 2013, p. 31). As

⁸ Censo Demográfico de 1872, IBGE.



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

propagandas do diretor da conhecida família Visconde de Ramos, corriam pelo Império em forma de conferências, folhetins, livros elementares escritos por ele, cartonados na Alemanha e distribuídos por toda parte. As condecorações em sua vestimenta somadas à descrição do menino Sérgio ajudam a esboçar o perfil do ilustre diretor: “[...] os gestos, calmos, soberanos, eram de um rei – o autocrata excelso dos silabários” (POMPEIA, 2013, p. 33). O prof. Venâncio, com salário de 40 mil-réis por matéria (POMPEIA, 2013, p. 36), em discurso sobre o mestre, exalta o colégio e o diretor: o primeiro possibilita as “conquistas do saber e da moralidade”, o segundo encontra-se “tão somente abaixo de Deus”.

A publicidade do internato montava um lugar onde reinavam a moralidade, as virtudes de todo tipo, esquemas de justiça e solidariedade, fraternos crescimentos concomitantes, vocações variadas para naturezas diversas. Haveria os que se dedicariam aos esportes, ginástica; os que se destacariam nas ciências naturais; os que prefeririam as artes... A vida no internato regaria esse florescer de distintas espécies roseiras. Assim que Sérgio se torna mais um interno, com farda de número 54 (POMPEIA, 2013, p. 53), as cortinas da realidade se abrem.

No internato, a rotina diária, com seus horários criteriosos e regras, intercalava o dormitório (dividido por classes de idade), a capela, as salas de aula, a recreação com jogos (peteca, amarelinha, bola, salto, corrida), a alimentação e os exames. Os meninos e rapazes eram acordados às 05h da manhã e após o entardecer já não podiam permanecer nos arredores do colégio, destinados à recreação. Os momentos de liturgia católica, com hinos, rezas e missas, aconteciam mais de uma vez ao dia.

Apesar disso, circulavam nos corredores do colégio hostilidade, brigas e competição entre colegas; dureza, frieza e agressividade no trato entre professores e alunos, além de outros “vícios” como os cigarros e romances proibidos. A competição é tratada positivamente uma vez que estimularia a seleção dos melhores, na lógica do darwinismo social. A relação professor-aluno, marcadamente autoritária, de comando e ordem, por um lado, obediência e submissão, por outro, era distante e impessoal,



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

estruturada na lógica mestre-discípulo. Parecia não haver lugar para a admiração ou a identificação, por exemplo, tão caras aos processos educativos.

O romantismo ilusório do prof. Venâncio ao pintar a figura do mestre não condiz com o que será vivido pelo herói. A princípio, o mestre é apontado como “[...] prolongamento do amor paterno, complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos” (POMPEIA, 2013, p. 36) e as máximas de parede do Ateneu exclamavam: “Nenhum mestre é mau para o bom discípulo” (POMPEIA, 2013, p. 58). Todavia, em um dos momentos finais da obra, Dr. Cláudio, num discurso sobre a Educação e o internato indaga se o mestre é a tirania, a injustiça, o terror (POMPEIA, 2013, p. 237) e, bem se sabe, que toda pergunta carrega em si sementes de uma resposta...

Durkheim (2011) afirma que a autoridade, a determinação e a confiança são condições elementares para o exercício professoral. É preciso não hesitar, não voltar atrás, ter consciência de sua autoridade e senti-la em si mesmo. Para ele, a criança aprende o dever (moral) a partir do professor: sua linguagem e comportamento. No entanto, a “[...] autoridade entendida dessa forma não tem nada a ver com a violência ou a repressão” (DUKRHEIM, 2011, p. 72). Se o sociólogo francês, considerado precursor de uma sociologia da educação, percebe essa diferença, o mesmo não parece ter acontecido com o diretor pedagogo brasileiro, como ilustram os exemplos seguintes.

O prof. Venâncio, tão admirado poeta aos olhos de Sérgio, apresenta-se como “uma fera! [...] terrível sobre os discípulos; a um deles arremessou-o contra um registro de gás, quebrando-lhe os dentes” (POMPEIA, 2013, p. 215). Aristarco, com seus 30 anos de experiência, “exterior de divindade e despotismo” (POMPEIA, 2013, p. 98), afirma o seu combate à imoralidade, a necessidade da “transformação moral da sociedade”, de novos métodos educativos, alegando que “não bastava a abolição dos castigos corporais” (POMPEIA, 2013, p. 47). Porém, contradições à vista, ao separar a briga de Sérgio e Bento, sacode o primeiro violentamente: “Desgraçado, torço-te o pescoço! Bandalhozinho impudente! Confessa-me tudo ou mato-te” (POMPEIA, 2013, p. 210).



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

Sérgio retruca, puxando o bigode do grande homem, que o abandona calmamente ao dizer que “os parricidas serão malditos”. Agredir ao mestre era como agredir ao próprio pai. A imagem de Aristarco é contraditória. De exímio educador a um ambicioso gerente, vaidoso homem, com obsessão pela própria estátua: “[...] a figura paternal do educador desmanchava-se volvendo a simplificar-se na esperteza atenta e seca do gerente” (POMPEIA, 2013, p. 50). O livro-caixa, os pagamentos fixos, os tratamentos distintos aos alunos pagantes em detrimento dos gratuitos, apresentam uma determinação econômica na finalidade do colégio, que aparece como um estabelecimento cujas mercadorias à venda são uma modelagem de sujeito, cidadão, injetado de conhecimentos científicos e valores dominantes.

Os alunos, reduzidos a fardas e números, pagantes e gratuitos, estimados e humilhados (POMPEIA, 2013, p. 110), adquiriam seus valores dentro de um sistema de prestígio, prêmios e castigos, associados à posição na estrutura hierárquica da instituição escolar.

Educação e ordem moral: os tropeços de uma justiça social

Sérgio, antes de entrar no internato, havia cumprido parte de sua trajetória educacional em um externato com senhoras inglesas e com um professor em domicílio, embora esses momentos tenham sido vistos como ensaios para o que seria a sua “verdadeira provação” (POMPEIA, 2013, p. 30). Que a criança ao nascer e nos primeiros anos de sua vida centraliza suas relações e vivências no núcleo familiar é uma obviedade reafirmada nas teorias sociais, psicológicas, pedagógicas etc. Existe, portanto, uma educação tipicamente familiar, doméstica, particular. Outra obviedade é que a criança-adolescente-adulto não restringirá suas interações nesse núcleo, expandindo-o para fora: rua, vizinhos; escola, colegas, professores; trabalho etc. Durkheim (2011) define a educação como uma série de ações constantes, pacientes, exercidas pelas gerações adultas sobre a inteligência, vontades, caráter, faculdades, daquelas que ainda não atingiram a maturidade, a ponto de levá-las a desenvolver – como pensará Kant – sua perfeição. Seu papel é inserir a nova geração num contexto histórico, provocar a



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

adaptação dos costumes e ideias contemporâneos a ela, apresentar as necessidades da vida em comum, inculcar valores coletivos; em suma: formar o ser social. Nesse sentido, “[...] a educação consiste em uma socialização metódica das novas gerações” (DURKHEIM, 2011, p. 54).

Para ele, a natureza da educação varia de acordo com a natureza da sociedade. Se o Ateneu regia seus alunos com a batuta das normas morais cristãs, autoritárias, imperiais, nada democráticas, podemos inferir elementos da própria sociedade brasileira do período. O sistema político da casa organizava-se tendo Aristarco, quase Napoleão⁹, como o imperador; os professores, como uma nobreza assistente; os vigilantes como aristocratas com regalias, e os alunos como o povo, a massa. À época de escrita e publicação do romance, o Brasil ainda era um Império, em vistas de tornar-se República, com debates intensos sobre representatividade democrática, eleições burguesas, partidos políticos etc.

A Revolução da Goiabada, narrada por Sérgio, foi uma insurreição com forte agitação popular, puxada pela massa e para a massa. Um protesto agressivo, desorganizado, contra “a impertinência insistida de certos pratos” (POMPEIA, 2013, p. 205), como a goiabada mole de bananas. A repressão, sustentada em discursos de moralidade e justiça, procura conter a bagunça infantil. Quando retoma a ordem, Aristarco demanda aos insurgentes por que não formularam representantes para dialogar e exigir mudanças. Aqui o prelúdio dos debates republicanos, democráticos.

Voltando ao caráter disciplinar da educação, havia no Ateneu um sistema de controle e vigilância que “[...] mantinha no estabelecimento por toda parte o risco perpétuo do flagrante como uma atmosfera de susto” (POMPEIA, 2013, p. 99). O respeito à disciplina é colocado por Durkheim (2006) como uma ação, guiada pela razão, de obediência à autoridade moral, intimamente ligada, portanto, às obrigações morais que levariam ao bem, a uma vida feliz, no cumprimento do dever.

⁹ “Aristarco rompia a marcha, valente [...], animando a desfilada como Napoleão nos Alpes” (POMPEIA, 2013, p. 188).



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

Educar deve ser, “em sua essência, uma questão de autoridade” (DURKHEIM, 2011, p. 70), para ser capaz de substituir a natureza associal e individualista humana por um ser inteiramente novo. Aqui uma concepção de natureza humana. A autoridade do professor, para Durkheim (2011), reside também no seu poder de punir ou recompensar, num sistema de justiça próprio da instituição, legitimado tanto pelos recompensados como pelos punidos: “[...] só possui valor moral se o castigo for reconhecido como justo pelo indivíduo que o recebe” (POMPEIA, 2013, p. 72). Isso aconteceu com Franco, ao ser exposto e humilhado publicamente, por ter bebido água do poço destinado à lavagem dos pratos, que abaixa a cabeça e aceita ser chamado de “O porco! Bramia Aristarco. O grandíssimo porco!” (POMPEIA, 2013, p. 101). O “crime” do garoto fora punido ainda com a sentença de escrever 10 páginas e passar o recreio ajoelhado na frente de todos. O caso da carta escrita por Cândido Lima, assinada como Sra. D. Cândida, marcando um encontro com Tourinho, foi julgado com o mesmo rigor. Expostos no meio da casa, curvados diante dos colegas, Aristarco montava seu espetáculo de justiça com discursos sobre a “vergonha e perversidade” (POMPEIA, 2013, p. 202) do que acabavam de testemunhar.

Durkheim (1966, p. 39), ao definir o crime como um fato social, faz o exercício de identificar o caráter exterior comum a ele: a punição. Nesse ambiente de crimes e castigos, punições e violações, o Ateneu é representado com um cárcere, uma prisão, que reunia em si privações e receios, ainda que o menino Sérgio, a princípio, considerasse um universo de perspectivas, desejos e curiosidades. As menções a essa desilusão são muitas. Ao constatar sua adaptação à escola, Sérgio diz que “estava aclimado, [...] pelo desalento, como um encarcerado no seu cárcere” (POMPEIA, 2013, p. 72). Ainda confessa que: “desesperava-me então ver-me [...] algemado [...], marcado com um número, escravo dos limites da casa e do despotismo da administração” (POMPEIA, 2013, p. 187).

O sociólogo dos enunciados define a moral como “[...] uma sanção [...], condenação formulada pela opinião pública que vinga a violação do preceito” (DURKHEIM, 2006, p. 40). Nesse sentido, se existe sanção é porque existe uma norma que foi posta em xeque.



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

Essas normas, esse “conjunto de máximas e normas de condutas”, surgem da associação dos indivíduos, ou seja, de uma coletividade. Fundem-se, portanto, na sociologia de Durkheim, o social e o moral. De um lado, as normas morais servem para ordenar as ações individuais, restringindo-as ao formular proibições, com um caráter obrigatório. De outro, as sanções surgem para condenar ou premiar as ações que seguiram ou infringiram as normas instituídas. Sua elaboração acerca da moral aponta para uma noção de dever e obrigação que coincidem com uma desejabilidade individual.

A moral, para Durkheim (2006), consiste num esforço para sair de si, negar a própria natureza e vontades impulsivas, com vistas a um bem coletivo que transcende o ser individual, por dizer respeito aos outros indivíduos, seus semelhantes. O autor estabelece ainda um paralelo entre a vida moral e a vida religiosa, ao mostrar como a noção de sagrado auxilia na compreensão dos fatos morais, uma vez que as coisas sagradas possuem para os indivíduos tanto um caráter distante, de temor e respeito, como próximo, de amor e desejo. E as noções de bem, de certo, de dever, de ideal, em muito devem à concepção de sagrado.

Se o cristianismo pode ser compreendido como uma religião e, portanto, como um fato social, Sérgio ilustra o que disse Durkheim (1966) sobre a maior coerção ou pressão do fato ser sentida quando há maior resistência individual. Diz-nos o garoto: “[...] não tenho força para estacar de arranco a torrente dos séculos cristãos, consegui ao menos ficar à margem”. Aqui a força histórica dos fatos sociais.

A arte como um refúgio do mundo real: o incêndio suicida

Num dos últimos episódios de *O Ateneu* há uma festa de premiação, que marca o fim do ano letivo. Vicejam discursos sobre os conhecimentos, assuntos tratados pela escola: filosofia, ciência, literatura, economia política, pedagogia, biografia, política, higiene, astronomia. Dr. Cláudio, em discurso sobre a educação, reitera a função social da educação como um exercício moral, como direção do caráter: “[...]ensaiados no microcosmo do Ateneu, não há mais surpresas no grande mundo lá fora, onde se vão sofrer todas as convivências, respirar todos os ambientes” (POMPEIA, 2013, p. 238). É



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

nesta mesma festa onde, na despedida, a vitória de uns coincide com a derrota de outros: “[...] as mães acariciando muito o filho sem prêmio, os pais odiando o diretor, olhando como vencidos para os que passavam satisfeitos, os outros pais, os colegas do filho, menos enfatizados da própria vitória que da humilhação alheia” (POMPEIA, 2013, p. 258). A família de Franco, garoto que adoece e morre na escola, resta em sofrimento. O monumento a Aristarco é erguido em glória aos grandes homens.

O mesmo Dr. Cláudio, numa conferência sobre a história humana, envereda-se por um discurso sobre a arte¹⁰, sua origem e missão. As sensações, o sentimento; a estética, estesia, contemplação; desejo sexual, gozo, sublimação; expressão, emoções, comoção; espontânea ou intencional: eloquência, música, desenho, escultura, arquitetura, pintura, metafísicas, romance, poema, incluindo até mesmo sistemas morais e religiosos. Para ele, há uma relação entre todas as artes: “[...] há estados de alma que correspondem à cor azul, ou às notas graves da música; há sons brilhantes como a luz vermelha” (POMPEIA, 2013, p. 155).

O menino Sérgio, amante apaixonado dos livros, das ciências, admite ter encontrado em Julio Verne um saudoso amigo na escola, tendo a biblioteca como seu lugar de reclusão e segurança, seu refúgio. Dizia das matérias com euforia, apresenta-as como universos fantásticos de conhecimentos sensíveis, palpáveis e imaginados: Geografia (“[...] os rios [...] afluíam-me para a memória” (POMPEIA, 2013, p. 73)), Gramática (“[...] eu escolhia a bel-prazer os adjetivos como amêndoas, adocicadas pelas circunstâncias adverbiais da mais agradável variedade” (POMPEIA, 2013, p. 74)), História do Brasil (“cada página era um encanto”), História Santa (“[...] e eu bebi a embriaguez musical dos capítulos como o canto profundo das catedrais” (POMPEIA, 2013, p. 75)), Matemática (“[...] divertindo-me a geometria miúda como um brinquedo” (POMPEIA, 2013, p. 78)), Cosmografia (“[...]eu tomei amor às coisas do espaço e estudava profundamente a mecânica do infinito” (POMPEIA, 2013, p. 84)).

¹⁰ Percebe-se uma forte admiração de Sérgio por Dr. Cláudio, seu professor, no esforço de transcrever por inteiro o discurso que nele ficou gravado (POMPEIA, 2013, p. 148-157).



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

Estes seriam elementos de individuação da personagem, ante a força coletiva da instituição, que busca o ajuste normativo. Goffman (1987, p. 160) os chamaria de ajustes secundários, que permitem a preservação do eu: “[...] os ajustamentos secundários representam formas pelas quais o indivíduo se isola do papel e do eu que a instituição admite para ele.”

As referências, todas ocidentais (europeias ou brasileiras), permitiram ao rapaz, agora com 13 anos, uma volta ao mundo da imaginação. *A Bíblia*, livro sagrado cristão. Balzac, e *A mulher de trinta anos*; os contos de Schmidt; *As viagens de Gulliver*; Pascal; Camões, e *Os Lusíadas*; Goethe, e *Fausto*; Shakespeare, *Rei Lear*; Victor Hugo; Émile Zola; Rabelais; Defoe, *Robinson Crusóe*; Chateaubriand, Corneille, Racine, Molière; Dante Alighieri e *A divina comédia*, entre outros, formam alguns dos cânones literários. A filosofia ocidental não deixa de se fazer presente: Schopenhauer, Epicuro. Nem a música, com Wagner, tão elogiado por Nietzsche, e um músico erudito estadunidense: Gottschalk. Todavia, vale lembrar que essas leituras podem ter sido feitas por Sérgio adulto já que se trata de um romance memorialista com traços biográficos.

Harold Bloom (1994) apresenta a literatura, como um ramo da arte, a partir de seu valor estético, com ênfase no “Eu individual” e suas sensações e percepções: sua originalidade. Isso poderia facilmente valer para o livro que tomamos como objeto de estudo. Especialmente quando este Eu é definido contra a Sociedade, dentro de um conflito de classes e interesses; valores e crenças; ideais e visões de mundo. A literatura, traduzindo a fundo as perturbações humanas de toda natureza (em certo sentido, a-históricas), buscaria no sublime sua imortalidade. Todavia, ignorar as disputas políticas, ideológicas, que envolvem as instituições de ensino, os processos de consagração (BOURDIEU, 2006) das obras e de seus criadores nos campos artísticos, científicos etc., sem notar a soberania de grupos sociais dominantes que a “escola do ressentimento”¹¹ trouxe à discussão, é cair no vão do “basta que seja artística” (POMPEIA, 2013, p. 157).

¹¹ Bloom (1994) assim denomina as tradições críticas marxista, feminista, afrocentrista, neo-historicista, multiculturalista, que buscam entender a hegemonia dos cânones a partir de questões políticas intrínsecas ao jogo social.



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

Considerações Finais

Muitas são as reflexões que esta obra nos deixa, uma vez que fechamos o livro. Rodeia-nos uma realidade social contraditória, onde os discursos de moralidade, bem, justiça, virtude, sagradas menções a Deus, não se encaixam com as desigualdades, incoerências, injustiças, mesquinhez. O medo da solidão moral do pequeno herói, típicas das sociedades modernas e seus processos de desintegração social; a inconstante firmeza nos contratos de amizade (Rabelo, Sanches, Bento Alves, Egbert...), apresentam um mundo social corrompido, doente. Na enfermaria, com sarampo, Sérgio delira seus dias de internato, declara sentir por D. Ema o que jamais sentira por sua mãe e com dificuldades compreende a carta enviada por seu pai, que falava sobre salvar o momento presente, salvar o náufrago do tempo, seguindo sempre adiante.

“A arte é imoral. [...] Existe para o indivíduo sem atender à existência de outro indivíduo. [...] nasce do entusiasmo da vida, do vigor do sentimento, e o atesta. Agrada sempre, porque o entusiasmo é contagioso como o incêndio” (POMPEIA, 2013, p. 157). Um “mau romance” que acaba de um modo incoerente, pouco criativo, com fogo por todos os lados, como uma destruição que nada reconstrói, tal como num ímpeto suicida: Raul Pompeia suicidou-se na noite de natal de 1895.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2006.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**: Os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1966.

DURKHEIM, Émile. **Sociología y Filosofía**. Granada: Editorial Comares, S.L., 2006.



A trajetória escolar de um caráter em formação: Sérgio e O Ateneu

Jordanna Fonseca Silva

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã** (Feuerbach). São Paulo: Hucitec, 1977.

MARX, Karl. **O Capital** – Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2017.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Penguin Classics Cia das Letras, 2013,

SCHWARZ, Roberto. O Atheneu. *In*: SCHWARZ, Roberto. **A sereia e o desconfiado: ensaios críticos**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

SILVA, Magali Lippert da. **A Biblioteca de Sérgio**: representação do irrepresentável. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – UFRGS, Porto Alegre.

WEBER, Max. Ciência como vocação. *In*: **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.

WEBER, Max.. **Conceitos sociológicos fundamentais**. Lisboa: Edições 70, 2009.